

A
ALQUIMIA
DO LUAR



DAVID FERRARO

TRADUÇÃO
CARLOS SZLAK

A
ALQUIMIA
DO LUAR

Para Patrick





PARTE I



1

Château le Blanc, França, 1º de junho de 1873

EU NUNCA TINHA VISTO UM CADÁVER. OU MELHOR, JAMAIS TINHA VISTO PARTE de um cadáver, já que estava encarando uma mão decepada. Ela estava um pouco à margem do caminho, como se fosse uma aparição. Não era conveniente que estivesse na relva ensolarada. Era uma perturbação da paz naquela tranquila tarde de verão.

Enquanto o sol aquecia a minha pele, os pássaros cantavam sem se perturbarem pela visão nauseante. Tirei o lenço do bolso e enxuguei as gotas de suor que cobriam a minha testa. O dia já havia sido longo, e aquela descoberta certamente provocaria obstáculos adicionais. Já era bastante ruim ser um novato naquela história toda de ter virado um criado. Eu não estava acostumado a *servir* os outros. Muito pelo contrário. Os outros é que sempre atendiam todas as *minhas* necessidades.

Eu não precisava de mais nada atrapalhando o meu dia, não quando eu já me mostrava bastante lento para realizar os serviços domésticos. Porém, achei melhor me conformar com aquela tarefa desagradável. Em seguida, poderia voltar para terminar os meus afazeres propriamente ditos. Resmunguei ao imaginar até que horas da noite teria de trabalhar para recuperar o atraso.

Olhei em direção à trilha que levava aos estábulos. A floresta bloqueava grande parte da visão do Château le Blanc, mas vislumbrei uma chaminé por entre a vegetação densa. Era reconfortante saber que eu estava quase chegando.

Umedecendo os lábios, voltei a observar aquela visão perturbadora da mão decepada. Além de decepada, também estava dilacerada. Não era um corte impecável. Havia retalhos irregulares e soltos da pele agarrados a um pulso azulado, com dois ossos projetados para fora, rachados como se fossem palitos de fósforo partidos ao meio.

Engoli a bile que subia pela minha garganta. Felizmente, havia pouco sangue, apenas uma pequena poça, que já tinha esfriado e coagulado sob o pulso fazia algum tempo.

Alguém precisava ver aquilo. Seria desagradável, mas seria mais fácil se eu levasse aquela coisa até o castelo e uma mensagem fosse enviada para a guarda da cidade. Olhei para o lenço e fiz uma careta ao decidir que teria de carregar o membro embrulhado nele. Claro que o lenço ficaria imprestável, mas não havia alternativa.

Inclinando-me, prenti a respiração ao me aproximar da mão, com os seus dedos erguidos e curvados no ar, como se tentasse alcançar algo antes da rigidez cadavérica tê-la petrificado naquela posição. Detive-me ao notar uma fileira de formigas rastejando à sua volta, avançando através do pulso exposto.

Com um grunhido, dobrei o lenço e cutuquei a mão, hesitante. Ao levantá-la por dois dedos, meia dúzia de moscas se dispersou, zumbindo em algazarra. Embrulhei-a depressa no tecido. Sentindo o odor de putrefação que exalava, virei o rosto, fazendo o possível para expulsar da minha mente as imagens das larvas desfrutando de um banquete. Apressei o passo, segurando o fardo repugnante o mais longe possível do meu corpo.

O cavaleiro observou a minha aproximação. Então, tirou o chapéu, deu uma boa desempoeirada nele em seu joelho e o recolocou. Sorriu e ergueu uma perna para apoiá-la na cerca. Um cavalo relinchou no estábulo atrás dele, mas ele não se importou com o som, parecendo mais interessado no que eu estava fazendo, carregando um lenço como se contivesse uma cascavel.

— O que traz aí? — perguntou o cavaleiro, inclinando a cabeça com curiosidade.

Hesitei por um instante.

— É... é uma mão.

— Uma mão?! — exclamou ele, intrigado. — Não está querendo dizer que é a mão de uma pessoa?

— Sim. Eu a encontrei no meio do caminho. Suponho que o conde queira que a guarda seja informada.

O cavaleiro franziu os lábios.

— O mestre não gosta de problemas. Não, senhor. Não consigo imaginá-lo querendo que a guarda se intrometa na propriedade dele.

— Você está sugerindo que eu ignore o caso? — perguntei, surpreso.

— Não, não. De maneira alguma. Se eu fosse você, passaria o problema para Grimes. Ele vai saber como lidar com isso. Não há necessidade de incomodar o conde.

— Tudo bem, então — respondi, inclinando um pouco a cabeça, em despedida. Então, retomei a caminhada.

Naquele momento, o contorno do Château le Blanc estava ficando mais nítido, erguendo-se como um refúgio em meio à floresta escura. Bastou-me a

sua visão para aliviar um pouco da apreensão que me acometia. Entrei na clareira, espiando brevemente o labirinto de sebes antes de voltar a olhar para as paredes brancas do castelo, uma construção de três andares, ampla e elegante. Heras subiam por uma fachada lateral, agarrando-se à pedra e ameaçavam se amontoar junto às janelas. Por um instante, lembrou-me de La Vallée, o meu antigo lar, e senti uma pontada de tristeza no meu peito, mas logo afastei o pensamento e voltei a me concentrar na tarefa em questão.

Dirigi-me com determinação até a entrada da criadagem, mas hesitei, pensando na adequação de levar algo tão asqueroso para dentro. Estendi a mão para bater na porta, mas me detive ao ouvir passos se aproximando às minhas costas. Ao olhar para trás, vi que o cavaliário havia me seguido. Ele me saudou com a cabeça, contornou-me e abriu a porta.

— Farei o favor de chamar o Grimes para você.

— Eu agradeço — falei, surpreso com a sua consideração, além de bastante aliviado.

Poupou-me da indesejável tarefa de assustar o mordomo. Já que Grimes tinha o meu emprego nas mãos, eu *não* queria irritá-lo ou provocar-lhe uma aflição desnecessária que fosse desfavorável para mim. A estima era tudo para um criado.

Um ruído chamou a minha atenção. Uma nuvem de poeira cobria o ar na traseira de uma pequena carruagem puxada por um único cavalo. O animal percorria a estrada de terra batida a galope com a cabeça orgulhosamente erguida. Não eram visitantes do castelo. Era uma carruagem simples demais para pertencer a um nobre. Além disso, a ala da criadagem estaria em alvoroço com a chegada iminente de qualquer convidado.

— Dupont.

Estranhei ao ouvir o nome, mas logo me dei conta de que era o sobrenome que eu havia adotado para esconder o meu verdadeiro. Eu me endireitei quando Grimes surgiu na entrada da criadagem, com o cavaliário em seu encaço. Os olhos do mordomo logo foram para o embrulho em minha mão. Ele fez uma careta e segurou um lenço junto ao rosto, como se o mero pensamento da mão decepada lhe fosse revoltante.

Então, Grimes desviou o olhar, enquanto o barulho da carruagem se aproximava. Ele acenou com a cabeça para o cavaliário.

— É o médico. Assim que ele descer da carruagem, fale com ele, mas seja discreto quanto a isso — disse o mordomo.

O cavaliário fez uma leve reverência com a cabeça e partiu para a frente do castelo.

— O médico? — perguntei. — Alguém está doente?

— A sra. Blake voltou a sentir dores — respondeu Grimes, gesticulando com a mão em desdém. — Você sabe como as mulheres são frágeis.

Reprimi o impulso de revirar os olhos.

— Ah, então os donos da casa estão bem de saúde — comentei, pois a sra. Blake era a cozinheira. — Que bom.

— Suponho que sim — concordou Grimes, endireitando a postura. — A família dificilmente seria atendida por um médico rural, muito menos por um aprendiz. Os proprietários têm o seu médico particular. Ele vem do mosteiro. Esse é o tipo de eficiência que defendo, sr. Dupont. As necessidades médicas e as necessidades espirituais reunidas num único indivíduo, cuidando do corpo e da alma.

— Sim, sim — confirmei, sem saber muito bem o que responder.

Já tinha visto um monge no castelo antes. Devia ser o médico da família de quem Grimes falou. Para ser sincero, ele me pareceu frio e desagradável, mas por outro lado, nunca fui dedicado à religião. Eu havia frequentado a igreja com a minha família, e agora comparecia junto aos outros criados, mas dificilmente eu diria ser devoto. Apenas ia para manter as aparências.

Em poucos minutos, o cavaliariço voltou, um pouco sem fôlego, com um homem atrás dele que carregava uma maleta de médico.

— Sr. Valancourt — cumprimentou Grimes. — Muita gentileza da sua parte ter vindo.

— O prazer é todo meu — redarguiu Valancourt, exibindo suas fileiras de dentes brancos brilhantes enquanto fazia uma mesura com a cabeça para o mordomo.

Admirado, fixei os olhos nele. Um tanto rústico, sim, mas provavelmente o homem mais bonito que eu já tinha visto. Lembrei que Grimes havia se referido a ele como um aprendiz, o que me levou a acreditar que era apenas um ou dois anos mais velho do que eu.

Belo e inteligente, pensei, analisando-o. Em minha opinião, era uma combinação imbatível.

Valancourt tinha a pele escura, o cabelo cortado bem rente nas laterais, mas com cachos pretos no alto da cabeça. Perguntei-me por um instante se a sua família era da África ou de alguma ilha do Caribe. Seu sorriso era perspicaz, com covinhas aparecendo nos cantos da boca, o que me provocou pontadas no peito. Observei a sua barba tênue ao longo do seu queixo e os seus olhos, que eram lagoas escuras de calidez, nas quais eu poderia mergulhar, incrivelmente atraentes. Por instinto, inclinei-me, como se quisesse chegar mais perto dele quando seus olhos encontraram os meus. Notei os longos cílios e a maneira como os seus lábios se entreabriram um pouco. Ele tinha lábios muito bonitos.

— E quem é este? — perguntou Valancourt, me olhando de cima a baixo brevemente.

Senti o calor tomar conta do meu rosto e soube que estava ficando vermelho, mas não consegui evitar. Eu era propenso a ruborizar com facilidade. Meu pai sempre havia caçoado de mim quanto a isso, mas de forma amável.

— É o sr. Dupont, o nosso ajudante. Está conosco há uma semana.

Grimes suspirou e prosseguiu:

— Uma semana apenas e já trouxe problemas para a nossa casa.

— Desculpe, sr. Grimes. — Abaixei a cabeça.

— Não há nada a ser feito em relação a isso. Mas talvez o bom médico possa ajudar a nos poupar de uma aflição.

— Farei o que puder — consentiu Valancourt, parecendo confuso. — Mas achei que a razão da minha vinda até aqui fosse para examinar a sra. Blake.

— Sim, sim — concordou Grimes. — Porém, o assunto mais urgente é que Dupont encontrou uma... *mão* ao perfazer o caminho de volta ao castelo. Se o senhor puder entregá-la para a guarda e poupar a família de um sofrimento desnecessário, tenho certeza de que todos ficariam muito agradecidos.

Valancourt franziu a testa.

— Entendo. — Ele semicerrou os olhos para Grimes e, então, virou-se para mim. — É claro que vou precisar levar o sr. Dupont comigo. No mínimo, ele precisará prestar um depoimento. Mas por outro lado, tenho certeza de que poderemos manter o caso em sigilo, para não incomodar a família.

— Ficaremos em dívida com o senhor — admitiu Grimes. Em seguida, encarou-me. — Como você provavelmente não vai voltar a tempo de servir o jantar, espero que compense ajudando Fournier com os seus deveres de valete esta noite.

— É claro, sr. Grimes — concordei, fazendo uma reverência.

O mordomo voltou para dentro da casa e o cavaleiro, que tinha ficado ouvindo a conversa o tempo todo, afastou-se em direção ao estábulo.

Quando a porta da entrada da criadagem se fechou com um baque surdo, deixei escapar um suspiro de alívio. Ao me virar, encontrei Valancourt me observando. Pisquei e evitei aquele olhar penetrante.

— Sinto muito pelo incômodo — desculpei-me.

— Não é um incômodo — assegurou-me Valancourt, apontando para o lenço em minhas mãos. — Posso...?

— Ah, sim. Por favor.

Entreguei-lhe o lenço, um tanto nauseado ao avistar uma vermelhidão brotando na parte inferior do tecido.

Nossos dedos se tocaram levemente e o meu coração disparou, fazendo-me esquecer por um instante do que estávamos fazendo. Quis manter a contato cálido do médico por mais algum tempo, mesmo que fosse por outro precioso segundo, mas não pude. Valancourt se afastou de mim, sem nunca desviar o olhar do lenço, e claramente sem se afetar pelo contato como eu.

A decepção extinguiu a minha empolgação. O que eu esperava que acontecesse? O que eu sentia pelos homens não era algo aceitável. Pelo menos era o que a minha tia professava. Eu não entendia como algo como o amor, algo que parecia tão certo, podia ser tão errado.

Valancourt desembrulhou o membro e o examinou por um instante, exclamando diversas interjeições seguidas, como “ah”, e “hum”, e “ora”. Eu não tive estômago para observar, desviando o olhar até ele amarrar novamente o lenço e

dobrá-lo como se fosse algum tipo de pergaminho. O médico se ajoelhou para guardá-lo em sua maleta e, ao olhar de volta para mim, seus olhos estavam brilhando. Senti como se estivesse mais uma vez caindo sob algum encantamento inexplicável. Valancourt estava com uma expressão cálida e convidativa.

— Perdão. Eu me empolgo às vezes e isso é fascinante. Normalmente, as mãos ficam presas ao corpo das pessoas.

Olhei para ele até me dar conta de que ele tinha contado uma piada. Uma piada bem fraca, mas ainda assim uma piada. Eu o agradei com uma risada.

De modo quase imperceptível, o médico se encolheu diante da minha reação, mas se recuperou com um sorriso largo.

— Acho que não me apresentei direito. Sou Valancourt. Bram Valancourt. — Ele ficou de pé e estendeu a mão.

Apertei a sua mão, a sua atenção me deixando encabulado.

— Emile St. Aubert.

Valancourt piscou e, em seguida, observou-me, pensativo, soltando a minha mão.

— Achei que o seu nome fosse Dupont.

Arregalei os olhos e amaldiçoei o meu ato falho. Bastou um rosto bonito, e esqueci completamente do meu disfarce.

— Eu... Sim. Por favor, me chame de Dupont. Trata-se de um apelido. Ou melhor ainda, pode me chamar de Emile.

— Muito bem, Emile. E suponho que você gostaria que eu acreditasse que você está acostumado a uma vida de serviços braçais sem um único calo nas mãos?

Meu coração bateu em pânico. Abri a boca, mas logo a fechei quando não consegui pronunciar nada inteligível. Valancourt era observador. Eu não estava habituado com pessoas que davam atenção demais a um criado.

— Qualquer que seja a razão do subterfúgio, não é da minha conta — afirmou Valancourt, sem dúvida notando a minha aflição. — Fiquei curioso, só isso. Mas não vou pressioná-lo.

— Obrigado. — Fiz uma mesura discreta com a cabeça, enquanto a minha tensão se dissipava. — Eu agradeço.

Por um momento, Valancourt ficou me encarando, como se estivesse tentando decidir algo, mas, no final das contas, balançou a cabeça e apontou para a entrada da criadagem.

— Por que não lava suas mãos e me encontra na minha carruagem? Não pretendo me demorar com a sra. Blake.

— Obrigado — repeti, atraindo a atenção do médico.

— Não há de que, Emile.

E com isso, Valancourt se dirigiu à entrada da frente da casa, me deixando para observá-lo se afastar.

Foi uma bela vista.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

Campanha



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM MAIO DE 2023